

UM NOVO OLHAR PARA A PROMOÇÃO DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL: O USO DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO CONTEXTO PANDÊMICO

DAYANA MESQUITA DOS SANTOS

Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista pelo Programa Institucional de Residência Pedagógica com ênfase nos Processos de alfabetização de crianças com Deficiência Intelectual. Contato: dayanamesk@hotmail.com.

1. INTRODUÇÃO

No contexto pandêmico atual, as práticas docentes precisaram ser substituídas pelo uso constante da tecnologia, que tem sido uma forte aliada no construto das práticas pedagógicas escolares, a fim de que as necessidades dos alunos sejam supridas.

Porém, muitos professores não tinham contato com as plataformas de ensino online como Zoom meeting e Google Sala de aula. Mendes (2020, p. 6) contribui quando relata que “grande parte dos professores brasileiros não tem conhecimento técnico ou pedagógico para implantação do ensino on-line”, mas de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (LBI):

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015, p.02).

Assim, o presente artigo apresenta dados de uma pesquisa qualitativa realizada pelo Programa Institucional de bolsas de Extensão Universitária (PIBEX), que abordou “O uso da Comunicação Alternativa (CA) para promoção da acessibilidade comunicacional em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)”, por se perceber que essas crianças, no decorrer das atividades remotas oferecidas pela escola acabam por ficar à margem, seja não participando das atividades, propostas nos grupos de WhatsApp formados pela escola, ou até mesmo pela falta de conhecimento da instituição e dos professores de como incluir remotamente esse aluno. Assim, para auxiliar a diminuir esse impacto, buscamos promover o uso da Comunicação Alternativa (CA) para melhorar a qualidade de vida das crianças e de seu aprendizado, com o apoio da escola e das famílias.

A Comunicação Alternativa (CA) é uma das categorias da Tecnologia Assistiva que consiste na composição de todos os recursos e serviços que auxilia na ampliação das habilidades funcionais de pessoas com deficiência, proporcionando vida independente e inclusão (BERSCH, 2017), podendo ser de baixo ou alto custo.

Formada por recursos desenvolvidos para dar voz às pessoas com deficiência que não conseguem utilizar a fala para se comunicar, a CA

pode ser estruturada em cartões de comunicação com pictogramas, pranchas adaptadas, ideográficas, dentre outras, a depender da necessidade particular de cada usuários, utilizando símbolos, cores e outras estratégias alternativas para gerar melhor compreensão e aprendizado (BERSCH, 2017; REILY, 2004; PASSERINO E BEZ, 2015).

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

De início, nos apropriamos do campo teórico para conhecer as produções científicas atuais sobre a Educação Inclusiva, o TEA e a Comunicação Alternativa como uma das categorias de Tecnologia Assistiva nesse período remoto e suas possibilidades de utilização.

Nosso campo de estudo foi uma escola da rede pública de ensino do Recife, referência no atendimento a estudantes com deficiência. Para o desenvolvimento da pesquisa, os professores da sala de recursos selecionaram 10 famílias presentes na escola nas quais possuíam uma criança com deficiência matriculada entre 5 e 7 anos (1º e 2º ano do ensino fundamental) e a partir disso, o contato foi iniciado.

As conversas iniciais foram informais e apenas por WhatsApp sobre como a família e a criança estavam lidando com o contexto da pandemia, tanto socialmente quanto educacionalmente. Muitas famílias relataram uma maior dificuldade em acompanhar as atividades propostas pela escola, tanto por falta de tempo, já que muitas famílias dividem seu tempo entre trabalho e casa, e na maioria das vezes, o horário disponível para a realização dessas atividades é a noite, ou apenas nos fins de semana.

Além disso, relatos da mudança do comportamento da criança também foram muito frequentes já que a mudança repentina de rotina e a falta de um ambiente estruturado para estudar influenciam o emocional. Muitos tiveram suas terapias interrompidas, como fonoaudiólogos, terapias ocupacionais e psicopedagogos.

Os relatos das famílias constavam níveis de violência da criança, tanto consigo quanto com os outros, e falta de concentração para as atividades tanto de casa como da escola. Dessa forma, para podermos nos aprofundar na necessidade de cada criança, com base na orientação da nossa professora, realizamos avaliações fonoaudiológicas com os instrumentos: Avaliação da Comunicação no Transtorno do Espectro Autista (ACOTEA) e o Autism Treatment Evaluation Checklist (ATEC), que segundo MAGIA

et al., (2011) permite avaliar o efeito das intervenções, sendo recomendável sua aplicação antes e após as mesmas.

A partir das avaliações realizadas com as famílias, pudemos compreender melhor os aspectos socioafetivos e comportamentais de cada indivíduo. Embora os dados coletados a partir dos instrumentos citados acima, tenham sido esclarecedores com relação aos aspectos comportamentais, entramos em contato também com as professoras da sala regular de ensino para a realização de entrevistas semiestruturadas que possibilitaram uma maior flexibilidade na condução do processo de obtenção das informações, opiniões e impressões dos educadores que atuam na escola. Para estreitar nosso contato, realizamos uma pequena palestra com a presença das famílias, via Google Meet, com a presença de uma terapeuta ocupacional para trazer a importância desses materiais e alguns exemplos de como podem ser utilizados.

Tal contato foi fundamental, embora algumas mães não tenham participado devido a problemas na sua conexão com a internet. A partir dos dados coletados, foram produzidos materiais estruturados de iniciação a práticas de alfabetização e letramento, agendas visuais para serem utilizadas em casa, pois pessoas com autismo assimilam melhor informações visuais do que verbais. Materiais esses, individuais e produzidos de acordo com cada especificidade. Cujo foram produzidos a partir de um sistema de pictogramas – o ARASAAC (Centro Aragonês de Comunicação Aumentativa e Alternativa), utilizado por ser um site gratuito e frequentemente atualizado.

Além de uma prancha de comunicação baseada no uso do PECS Adaptado, que segundo WALTER (2000), pode ser usado no contexto escolar, em casa e por profissionais especializados e para passar à fase seguinte o aluno deverá cumprir todas as fases de treinamento descritas no programa e os objetivos finais de cada fase.

Pelo contexto atual, não foi possível seguir as fases de treinamento da prancha, mas de forma geral, as famílias observaram um desenvolvimento significativo na comunicação funcional, na interação e no comportamento da criança após o uso da prancha de comunicação. A entrega dos materiais foi feita de forma presencial em uma reunião solicitada pelo professor do AEE com a presença da professora orientadora e uma das pesquisadoras, para realizar uma pequena formação prática, no qual, além de buscar os materiais, os pais tiveram a oportunidade de ver na prática, como cada um pode ser utilizado.

Com isso, conseguimos identificar melhoras nos comportamentos das crianças com o desenvolvimento desses materiais que proporcionaram interação e autonomia com o meio de acordo com as necessidades da criança, tanto de modo geral, quanto com foco na estruturação domiciliar para o ensino remoto.

RESULTADOS

Assim, a pesquisa em pauta nos mostra que o trabalho no programa é de fundamental importância e pudemos perceber que a inclusão escolar é possível e que é importante utilizarmos artefatos culturais, unicamente humanos para ajudar no aprendizado e desenvolvimento de todas as crianças. Além disso, a própria mediação com o adulto já consiste em um processo de troca, em que o que está em potencial para se desenvolver, tem um meio propício para que ocorra.

A utilização da Comunicação Alternativa tem indicado resultados favoráveis na ampliação das habilidades comunicativas. Compreendemos o quão fundamental é minimizar as barreiras que impedem uma inclusão real e efetiva, a partir deste trabalho colaboramos para que as atitudes das crianças com TEA, antes vistas apenas como birra e falta de vontade de interagir, sejam compreendidas a partir das suas condições diferenciadas.

Esperamos que esta pesquisa contribua para a reflexão do contexto escolar inclusivo em tempos de pandemia, em relação às alunas e alunos com deficiência e que essa experiência e aprendizados sejam potencializadores da melhoria da qualidade de ensino em tempos futuros.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. Introdução à tecnologia assistiva. Porto Alegre, 2017. Disponível em: < http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf>.

BRASIL, Câmara dos Deputados. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, p. 43, 2015.

MAGIA, I., Moss, J., Yates, R., Charman, T., Howlin, P. (2011). Is the Autism Treatment Evaluation Checklist a useful tool for monitoring progress in

children with autism spectrum disorders? *Journal of Intellectual Disability Research*, 55(3): 302–312.

MENDES, Rodrigo. Protocolos sobre educação inclusiva durante a pandemia da COVID-19: Um sobrevoo por 23 países e organismos internacionais. Instituto Rodrigo Mendes, 2020.

PASSERINO, Liliana Maria; BEZ, Maria Rosangela (Org.). *Comunicação Alternativa: Mediação para uma inclusão social a partir do Scala*. Passo Fundo: Ed. Universitária de Passo Fundo, 2015.

REILY, Lucia. *Escola Inclusiva: Linguagem e mediação (Série Educação Especial)*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004.

WALTER, C.C.F. Os efeitos da adaptação do PECS associada ao Currículo funcional em pessoas com autismo infantil [dissertação]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2000.